

## Teixeira de Pascoaes e o colecionismo de “milagres”

Agostinho Araújo \*

**Resumo:** Tempo há, pudemos analisar monograficamente uma parte da coleção de ex-votos do autor de *Marânus*, que talvez lhe possa ter chegado por intermédio do condiscípulo Fausto Guedes Teixeira, poeta natural de Lamego.

O presente estudo aborda duas outras peças do mesmo conjunto conservado em Gatão, estabelecendo a leitura a partir de certos nexos biográficos.

E, sobretudo, tenta compreender a presença dos quadros de “milagres” nesse espaço físico, afetivo e espiritual único, que Pascoaes sublimou e (por obra do fulgor genesíaco dos seus textos e imagens) nos quis para sempre legar como pórtico da sacralidade futura.

**Palavras-chave:** Gatão - Republicanismo – *A Águia* - Relações artísticas – Desenhos de Pascoaes – Pintura votiva.

**Abstract:** The present study follows up from the monographic analysis done a few years ago involving part of an ex-voto collection by the author of *Marânus*, which he may have received through his fellow Fausto Guedes Teixeira, a poet from Lamego.

Here, another two pieces from the same group, owned by Gatão, are analysed, and biographical connections are established.

More importantly, the study attempts to interpret the presence of “milagre” paintings in that unique physical, emotional, and spiritual space which Pascoaes raised to the sublime and - through the genesiac fulgency of his texts and images - wished to bequeath to us as portico of future sacrality.

**Keywords:** Gatão - Republicanism – *A Águia* – Artistic relationships – Drawings by Pascoaes – Votive painting.

---

\* Investigador do Grupo “Memória, Património e Construção de Identidades” da Unidade FCT de I&D CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto, Portugal. Contacto: aaraujo@letras.up.pt.

Merece-nos a relação do pensador amarantino com a matéria votiva uma nova demora, desta vez limitada ao sentido do seu investimento colecionista<sup>1</sup>.

Quem conheça o sítio na freguesia de São João de Gatão, a Casa de Pascoaes e um pouco que seja da história da família Teixeira de Vasconcelos<sup>2</sup> não sente necessidade de explicar a presença ali destas ou outras peças de arte.

É certo que, quase todos, os ex-votos não se encontram no recanto do Poeta, juntos dos livros, retratos seus e de amigos, gravuras (como registos de santos) e objetos pessoais, tanta coisa enfim formando a densa Casa-Museu que começou, autêntica, a oferecer-nos em largo avanço sobre a Morte<sup>3</sup>... como se bem cedo tivesse decidido que a "janela solitária", a "santa janela" lançada sobre o Marão e o Tâmega continha tudo o que na Vida lhe importava.

Colocados logo à entrada do piso nobre, após o lanço esquerdo da escadaria e antes do corredor que serve os quartos (ligando os aposentos do escritor à cozinha, no topo oposto), os quadrinhos integram harmoniosa mas despercebidamente o ambiente: sobre eles não se contam (ao contrário da capela, jardim, latada, mirante, fontes dos Golfinhos e do Silêncio, pintura contemporânea pertencente ao sobrinho João, a redonda mesa de trabalho, no quarto, os móveis do escritório e respetiva autoria...) episódios relativos a este ou aquele membros da notável família ou especificamente alusivos aos hábitos, circunstâncias, convívio de Pascoaes com tantos vultos ilustres que o visitavam.

Neles não se detêm, como num dos bancos de pedra do terreiro grande, num canteiro do jardim, nas cadeiras e canapé de mogno da sala de visitas... as evocações do Poeta (*Livro de Memórias*). Nem deles se destacam - *vide as*

---

<sup>1</sup> Vd. o ensaio que já produzimos com base em parte desta coleção – cf. ARAÚJO, Agostinho - *Os ex-votos da Casa de Pascoaes (Para o estudo dos "milagres" da Senhora dos Remédios, de Lamego)*. Comunicação apresentada à 3.ª Secção - Património, Arte e Arqueologia - do Congresso Histórico "Reconstruir a Memória", Amarante, 22 a 25 de abril de 1998. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 2000 (sep. das Atas, vol. III, do Congresso *supra cit.*).

<sup>2</sup> RIBEIRO, Paula de Oliveira - *Casas d' Escritas*. Fotografias de João Francisco Vilhena e Prefácio de Eduardo Prado Coelho. S/l: Temas e Debates, 1997, pp. 171-195.

<sup>3</sup> "Já tenho aqui o meu busto em Bronze. Ficou admirável. É bem possível que eu aproveite um automovel que parte daqui para ahi, vazio, brevemente. Talvez vá pelas Caldas, pois o Antonio Duarte deseja acompanhar-me para estudar o sitio e a altura propria em que êle deve ficar, no meu escritorio" - carta de Teixeira de Pascoaes (Lisboa, 24 de dezembro de 1930) a sua sobrinha Maria dos Prazeres - cf. VASCONCELLOS, Maria da Glória Teixeira de - *Olhando para trás vejo Pascoaes*. Lisboa: Livraria Portugal, 1971, p. 149.

telhas, a escada, as paredes, as janelas, a pedra do lar... nas *Elegias* -, como sombras, os seus versos.

E, contudo, cremos ser possível adiantar que estas pinturas estarão mais próximas do autor de *São Paulo* do que as aparências sugerem ou a falta de informação circulante pessimistamente aconselharia.

Não, como é óbvio, por comunhão do sentimento religioso. O voo de Pascoaes era aí muito alto e livre, aninstitucionalizado (quando as práticas votivas foram e são destacados instrumentos de instalação e organização de poderes), aspirando à grandeza... e talvez pouco complacente com aqueles quotidianos tratos entre o sagrado e o material, marcados por atavismos ainda de base mágico-religiosa.

O poder divino manifesta-se em outra escala e só alguns, aliás (em assumida conceção aristocrática), são dignos de o celebrar: "A vida só é bela pelo espírito, pela Poesia que nós concebemos e descobrimos, ao mesmo tempo, derramada em todas as cousas e sêres da criação.

Nascemos para ver as árvores, as nuvens, as estrelas e a onnipotencia de Deus que em tudo se mostra. Nascemos para isso, e não para comer óvos *moles* nem *sopa doirada*. Estes prazeres da matéria são os maiores inimigos da alma. É necessário evita-los porque arruinam a casa onde mora a alma; e ela, sentindo-se mal instalada, trata de fugir.

Todas estas palavras representam o interesse que tenho na tua saude, porque és do meu sangue, porque és toda a alegria e toda a esperança dos teus Paes e porque has de perpetuar, na nossa Familia, as tradições poeticas que tua Mãe e eu lhe creamos, assim como teu Avô e meu Pae nos legou uma grande herança intelectual e moral"<sup>4</sup>.

Às elites cumpre, assim, a nobre missão de libertar o povo das servidões materiais - mas também espirituais - que o vitimam: "Os *lavradores* são a parte mais esquecida do nosso Povo, porque vivem lonje do mundo onde se luta e pensa, em perfeita noite medieval, povoada de bruxas e fantasmas e de tôdas as superstições católicas, que os padres, estreitos e broncos, lhes injetam na alma, como se injeta um veneno - nessa alma que, a nu e a limpo, é aquela

---

<sup>4</sup> Carta de Teixeira de Pascoaes (Lisboa, 23 de abril de 1925) à mesma - cf. Idem - *Ibidem*, pp. 137-138.

Alma excecional, instintivamente naturalista e mística, que criou a Saudade, promessa duma nova *Civilização Lusitana*.

Se o Padre lhes adultera o espírito, o Proprietário arruina-lhes o corpo. (...) Defendam-se as classes populares que são o sangue [e] alma do País; o resto é uma mixórdia europeia sem caracter, sem pátria, um pouco parisiense e romana, um elemento apenas de dissolução e morte.

Como o Portugal de D. João I, o de 1640, o de 1810, o Portugal republicano só pode e deve contar com o Povo. E o povo rural e agrícola, a quem a terra oferece a sua mão de Noiva fecunda, depois de educado e libertado, será a base indestrutível duma Democracia rústica e campestre, que á de dar a sua flôr orijinal e eterna, sob a invocação de Pan e de Jesus"<sup>5</sup>.

Sob outro enfoque, é verdade que a superfície das terras e das gentes, na tensa meditação em que fundeu grande parte da sua vida e obra, mereceu-lhe algum geo/etno/socioentranhamento, digamos... num quadro de respiração familiar e sobretudo comunitária a que não desejaria furtar-se, bem longe disso: “A nascente o Marão, ainda «sem palha nem grão» - como o queria o Poeta -, força telúrica e indomável, ora rotundo, de dorso anil da urze rasteira, ora insinuando os vales rugosos de cascatas de água ou de leite escamoso: o Tâmega, o Ovelha, o Olo...

Da Senhora da Graça, em Basto, à Senhora da Serra, em Ansiães, à Senhora do Castelo, na Aboboreira, à Senhora da Graça, em Vila Caiz, à Senhora da Livração... a libélula do olhar corre de poiso em poiso, figura alada de Chagall, panóplia de anjos numa hierofania de lugares. No primeiro plano, ainda uma teoria de serras, de ermidas e atalhos, os montes de Santa Cruz, imagens familiares, proxémicas, do Castelo de Riba Tâmega, roqueiro, vaga reminiscência de legenda medieval, estratégica atalaia de Amarante, dos vales do Tâmega, de Travanca e Mancelos. Ao lado a capela (na montanha) em história delida, ninho de pastores e de fogueiras no Inverno.

Por aqui passa uma história de longa duração, com coutos, honras e beatrias, conventos e mosteiros de beneditinos, dominicanos e cónegos de Santo Agostinho, na fertilidade das veigas, das vessadas, dos souts e no

---

<sup>5</sup> PASCOAES, Teixeira de – “Justiça social. Os lavradores caseiros”, *A Águia*, n.º 1. Porto: dezembro de 1910, p. 8.

fundo cultural de espiritualidades, cantochão e «Casas de Ramires», de frios granitos e vaga história.

O imaginário popular alimenta-se de uma história mais longínqua, de lugares do sagrado, de casinhas de mouros, pedras balouçantes, pegadinhas de S. Gonçalo e ermitérios, de fontes e encruzilhadas de pegos e redemoinhos e rol de afogados e barcas de passagem, de infernos de azenhas, de corredores da noite e vagalumes, de bruxas e lobisomens, de novenas, cercos e clamores, de medos e esconjuros, da malva ou do linho, das urtigas e da linhaça, da alfádega, do rosmaninho, do alecrim e do *serpão* (dos estupros e da sedução). Uma história próxima, de franceses concupiscentes, de lutas liberais, do Mac-Donell, do Zé do Telhado, de acampamentos de ciganos, na velha estrada da Companhia, ainda, com o Camilo «a ver o sol» de Pidre, em liteira de vinte horas, e os alquiladores da malaposta para o comboio do Douro (em Vila Meã), em nuvens de macadame, poalha dos eucaliptos da entrada sobre o terreiro grande, quebrando o ritmo dos carpinteiros de vasilhame”<sup>6</sup>.

Pensamos, porém, que é a perspetiva estética que mais deve ser considerada. Conhece-se o contacto (entre alguns casos de íntima amizade, outros de interesse em se retratar, colaborações n' *A Águia...*) do Poeta com diversos artistas.

Antes dos mais, António Carneiro<sup>7</sup>. E depois um lote bastante eclético, com, entre outros: Correia Dias, António Duarte, Columbano Bordalo Pinheiro<sup>8</sup>,

<sup>6</sup> CARDOSO, António – “Amadeo e a imagem de Amarante” [1987, 1.<sup>a</sup> versão apres. em colóq.], *Sínteses = Arte + António Cardoso*. Porto: Edições Gémeo (com apoio à publ. da Câmara Municipal de Amarante e do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 2004, pp. 171-172.

<sup>7</sup> “O Poeta tinha em cima da mesa redonda do quarto as quartilhas duma conferência que vai fazer sobre o pintor António Carneiro. (...) O pintor era conterrâneo e amigo do poeta. Passava com ele o mês de Setembro em Pascoaes. (...) Referia-se na conferência a um retrato que o Pintor lhe desenhara e que o Poeta julga ser o melhor. Fomos à Biblioteca e o Poeta mostrou-mo. (...) É só o rosto, um rosto misterioso, fortemente iluminado. É estranho como António Carneiro conseguiu tanta luz rabiscando um lápis numa folha de papel. Pascoaes: - Veja como ele me descobriu um riso e aqui o pôs. É do meu fundo demoníaco. Não o contradisse. Há de facto não sei quê de luciferino na máscara do Poeta” - cf. MAGALHÃES, António de – “Visita a Pascoaes”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 29, n.º 2. Braga: abril-junho de 1973, p. 167. A conferência mencionada nesta evocação diarística (datada de 16 de outubro de 1950) do jesuíta amigo de Pascoaes realizou-se de facto no Porto, na Escola de Belas-Artes, sendo depois publicada: *António Carneiro*. Porto: 1952.

<sup>8</sup> “Na realidade, a morte do Grande mestre e amigo feriu-me profundamente! Lisboa, sem aquele homem, fica reduzida a um zero, branco e amável, de boa temperatura, à beira do Tejo azul. Se estivesse na posse da minha saúde usual, teria partido para aí, imediatamente!”: assim comenta o Poeta o desaparecimento de Columbano, em carta de novembro de 1929 - cf.

José de Almada Negreiros, Carlos Reis<sup>9</sup>, Guilherme Filipe, Eduardo Malta, Ricardo Bensaúde<sup>10</sup>, Olavo d' Eça Leal<sup>11</sup>, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas.

Normal era ainda, para as tertúlias culturais da nossa primeira metade do século passado, a frequência rotineira de livrarias, alfarrabistas... mas também antiquários, feiras-da-ladra, leilões<sup>12</sup>. Com efeito, não se pode dizer que o retiro de Pascoaes no seu rincão natal, a partir de 1913, fosse absoluto: não só descia frequentemente ao Porto<sup>13</sup> e a Lisboa, como visitava, por vezes como cicerone<sup>14</sup>, diversas localidades, sobretudo do Norte.

Por outro lado, não faltam escritores – e alguns dele bem próximos – que tenham prezado a pintura votiva, vindo a dedicar-lhe, por exemplo, referências em livros de viagens (Unamuno), poemas (Guerra Junqueiro<sup>15</sup> e Correia de Oliveira) ou mesmo um criterioso colecionismo (Régio)<sup>16</sup>.

E, acusando a oferta de *Por tierras de Portugal y de España*, o próprio vate amarantino destacava com entusiasmo uma matéria que, como se sabe, corre histórica e artisticamente em paralelo com a que nos ocupa: "A parte do

S., A. – “Cartas de Teixeira de Pascoaes a Suzanne Jousse”, *Seara Nova*, ano XLV, n.º 1445. Lisboa: março de 1966, p. 86.

<sup>9</sup> Carta datada de Lisboa, 21 de março de 1932 - cf. Idem – *Ibidem*, ano XLV, n.º 1448. Lisboa: junho de 1966, p. 189.

<sup>10</sup> "Pode dizer ao Bensaúde que tem a minha casa às suas ordens e que muito lhe agradeço a importância que me concede e que eu não mereço. Sei que é um artista verdadeiro, de grande valor, pelo que tenho ouvido dizer, pois infelizmente não pude ver ainda as suas obras de arte" - carta de Lisboa, s/d [1933?], cf. Idem – *Ibidem*.

<sup>11</sup> "Quando quiser um cafézinho na Brasileira, lá estou todos os dias, às 5 ou 6 horas da tarde. Até essa hora vou *pousar* para um retrato a óleo, em casa do pintor Olavo. É um retrato enorme (de mim que sou tão pequeno!) desde os pés até à cabeça!" - carta datada de Lisboa, 21 de março de 1932 (cf. *supra* nota 9).

<sup>12</sup> "Muito me interessa o que me dizes do aparecimento archeologico. O Alvaro conseguirá possuir essas preciosidades? Comprei hontem, n' um leilão, a História de Amarante, por 110 000 reis. É para o Costa Santos" - carta de Teixeira de Pascoaes (Lisboa, 14 de maio de 1929) a sua irmã Maria da Glória, cf. VASCONCELLOS, Maria da Glória Teixeira de – *Ob. cit.*, p. 146.

<sup>13</sup> Vejam-se impressivas notações sobre o Porto (margens do Douro, Rua do Almada, Clérigos) num dos últimos textos, datado de S. João de Gatão, 9 de novembro de 195(?), postumamente revelado: cf. o primeiro capítulo do romance inédito PASCOAES, Teixeira de – “O Anjo e a Bruxa”, *Nova Renascença*, vol. 1. Porto: outono de 1980, pp. 17-22.

<sup>14</sup> "Mostrei [ao lusófilo Philéas Lebesgue] a paisagem daqui e o berço de Portugal, Guimarães!", escreve, de Amarante, à sua tradutora, em 24 de dezembro de 1931 - cf. S., A. - *Art. cit.*, ano XLV, n.º 1448, p. 188.

<sup>15</sup> ARAÚJO, Agostinho - “Promessas, milagres e ex-votos: ecos de religiosidade popular em páginas de Guerra Junqueiro”, *Brigantia*, vol. XXIII, n.º 1/2 Bragança: Assembleia Distrital de Bragança, 2003, pp. 3-22.

<sup>16</sup> ARAÚJO, Agostinho - *Robert C. Smith e o estudo da pintura votiva luso-brasileira*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005 (sep. de “Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias”, vol. I), pp. 27 e 46.

livro sobre o culto das almas em Portugal, são paginas tambem de imorredoiira beleza"<sup>17</sup>.

Também ao órgão da Renascença Portuguesa coube publicar algumas das mais habilitadas e firmes linhas de então sobre o constante e vitalista diálogo entre o coletivo e o individual, no *mare magnum* dos ex-votos pintados: “Consequentemente a arte popular deverá ser, segundo o carater da classe que a produz, tradicional, ingenua, variada e incerta, e poder-se-ha definir como: o conjunto de manifestações artisticas produzidas por gente do povo, não arregimentada em corporações com direção tecnica especial, nem trabalhando em oficinas de metodos e maquinismos recentes, seguindo por isso ordinariamente processos e modelos de carater tradicional.

(...) O pinta mônos que desenha os milagres (...), é na *mise en scène* ou disposição das figuras, o docil instrumento das indicações do devoto, por sua parte já influenciado pelos quadros que examina nas paredes do seu santuario predileto; pertence-lhe apenas a execução da obra. Mas essa, visto que o artista é um curioso, com limitado campo de observação, fica sendo um precioso documento de arte popular, simples, sincero, genuino, guardando a côr local e os caracteristicos regionaes do mobiliario, dos trages e das alfaias agricolas ou caseiras.

Como acontece nas pinturas de retabulos votivos, que obedecendo fundamentalmente a um canon geral e tradicional, são contudo variadas na disposição e personagens, todas as mais obras de arte popular aparecem com este mesmo carater de diferenciação: não ha duas absolutamente iguaes. Cada trabalho é isoladamente um produto da tradição, do costume, da influencia mesologica, de um conjunto de experiencias rudes, nunca podendo por isso apresentar forma definitiva: ora é melhorado pela variante, por acrescentamento ou supressão; ora é deteriorado por esses processos"<sup>18</sup>.

A genuinidade e força expressiva da arte popular votiva, exterior à norma académica e à dita objetividade naturalista, conviveria bem, enfim, com

---

<sup>17</sup> Carta de Teixeira de Pascoaes (Foz do Douro, 1 de março de 1911) a Miguel de Unamuno - cf. *Epistolário Ibérico. Cartas de Pascoaes e Unamuno*. Prefácios de Joaquim de Carvalho e Manuel Garcia Blanco. Nota final de Joaquim de Montezuma de Carvalho. Nova Lisboa: Câmara Municipal de Nova Lisboa, 1957, p. 12.

<sup>18</sup> CORREIA, Vergílio – “Arte Popular Portuguesa – II”, *A Águia*, 2.<sup>a</sup> série, vol. VII. Porto: Renascença Portuguesa, janeiro-julho de 1915, pp. 97 e 100.

o próprio universo da obra plástica de Pascoaes, povoado de anjos, demónios, entidades fantasmáticas<sup>19</sup>.

Todos estes factos convergem para afirmar em coerência, na casa do supremo Prosador, o lugar dos ex-votos, dois dos quais, pelo menos, parecem ter com ele um relacionamento assaz próximo.

A primeira peça que ora consideramos não pertence à tipologia narrativa que há muito viu reconhecida a certa autodenominação popular de "milagre". Cremos, todavia, que existem boas razões para justificar a sua classificação como ex-voto.

Trata-se de uma fruste pintura sobre madeira, em razoável estado de conservação, representando um coração cravado por coroa de espinhos negros e encimado por uma cruz envolta em laços; irradia um resplendor branco ao qual dá realce uma mandorla denteada a sépia.

O quadrinho conserva ainda a moldura original que bastante contribui para o geral carácter decorativo, já pela assinalável dimensão (cerca de metade

<sup>19</sup> Alguns dos seus desenhos e aguarelas, conservados em Gatão, fizeram parte das ilustrações de BASTOS, Carlos – “Teixeira de Pascoaes – versos quase desconhecidos da mocidade e uma carta inédita do poeta sobre Leonardo Coimbra”, *O Tripeiro*, VI série, ano VI, n.º 3. Porto: março de 1966, p. 67. Uma vintena deles, com excelente tratamento gráfico mas sem qualquer comentário, beneficiaria depois de outra divulgação, graças a PASCOAES, Teixeira de – *Poesia de (...). Poesia em verso. Poesia sem versos. O pensamento poético. O ensaio. O conferencista. A pintura*. Antologia organizada por Mário Cesariny. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1972 (coleção Ronda).

Em fevereiro de 1977 é subscrito (incluindo algumas reproduções) o primeiro tentame de articulação entre as vias paralelas de manifestação do visionarismo poético pascoaliano: PAMPLONA, Fernando de – “No centenário do nascimento de Teixeira de Pascoais – Pintor das palavras, Poeta das cores – Aspectos pictóricos duma obra poética”, *Belas-Artes*, 2.ª série, n.º 31. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1977, pp. 45-51.

Maior alcance se encontra no breve artigo de ALMEIDA, Bernardo Pinto de – “Pascoaes e a legenda”, *A Phala*, n.º 37. Lisboa: Assírio & Alvim, abril/maio/junho de 1994, pp. 10-11. Destaque-se, depois, pela religiosidade do tema e clareza iconológica da leitura, o ensaio de ALCOFORADO, Diogo – “Breves notas sobre uma pintura de Teixeira de Pascoaes”, *Entremuros*, n.º 2. Amarante: Grupo de Amigos da Biblioteca Museu Municipal de Amarante, 1996, pp. 41-48.

E, impulsionada por nova efeméride, os cinquenta anos da sua morte, realiza-se finalmente a primeira exposição, por iniciativa do Centro de Estudos do Surrealismo: Aa.Vv. - *Teixeira de Pascoaes: obra plástica*. Exposição (Comissário: Perfecto E. Quadrado). Catálogo. Vila Nova de Famalicão: Fundação Cupertino de Miranda, 2002, aliás ainda pensada e iniciada na sua concretização pelo anterior Diretor Artístico da instituição, Bernardo Pinto de ALMEIDA. A este mesmo crítico e historiador de arte se devem, também nesse ano, não só a recolha do seu texto datado de maio de 1994 (integrando o volume *As imagens e as coisas*. Porto: Campo das Letras, 2002, pp. 75-80) mas, sobretudo, o fundamentado e empático “Pascoaes ou a dramaturgia dos espectros”. Posfácio a *Teixeira de Pascoaes. Desenhos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002, pp. 177-191.

Segue-se a seleta PASCOAES, Teixeira de – *Anjos e fantasmas: textos e imagens* (org. de António Mega Ferreira). Lisboa: Assírio & Alvim, 2003; e, pouco depois, seria sobretudo explorada a temática da auto-representação: FERREIRA, António Mega – *Fotobiografia Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.



da largura do campo pictórico), já pelo avantajamento espesso e sinuoso do perfil.

Este é ainda enfatizado pela aplicação das cores "basilares" (azul e encarnado, aqui intercaladas pelo branco) a que Luís Chaves - a nosso ver, exageradamente - pretendeu limitar a pintura popular votiva<sup>20</sup>.

Para aquele mesmo carácter decorativo não conta pouco, também, a existência de um frontão acentuadamente recortado, tintado no mesmo rosa forte a que o artista recorreu para figurar o Sagrado Coração de Jesus<sup>21</sup>.

Ora esse elemento, por um lado, na sua sugestão retabular, aponta-nos vias formalistas (e, desde logo, na etapa mais literal...) para o estudo das origens dos painéis votivos portugueses<sup>22</sup>, no contexto genérico do didatismo da pintura religiosa.

E, por outro, na perspetiva da análise sincrónica das suas valências, recomenda para estas produções (pensadas para a evidência individualizadora de aposições e sobreposições em paredes, mais do que meras deposições junto da imagem invocada...) uma certa atenção funcionalista aos constituintes mais especificamente atinentes à suspensão<sup>23</sup>.

Este ex-voto é totalmente anónimo: não há qualquer referência ao impetrante, nem mesmo à circunstância que originou a promessa. Pertence àquela tipologia que apenas nos identifica a entidade invocada – e, neste caso, meramente por via simbólica. A classificação que lhe atribuímos baseia-se em dois argumentos: um de ordem externa, outro de natureza intrínseca.

<sup>20</sup> CHAVES, Luís – "I - Coleção de «milagres»", *Ex-Votos do Museu Etnológico Português - Catálogo Descritivo*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1915 (sep. de "O Archeologo Português", vols. XIX e XX), p. 10. Tratando-se do primeiro dos textos que o autor dedicou a esta temática, compreende-se a extrapolação, induzida pela valia dos vinte e oito espécimes que então analisava.

<sup>21</sup> Sobre a devoção e iconografia do Coração de Jesus vd. COUTINHO, Bernardo Xavier – *Álbum da Exposição de Arte Sacra sobre o Coração de Jesus e o Coração de Maria. Na Igreja de S. Francisco, do Porto, por ocasião do 2.º Congresso Nacional do Apostolado da Oração*. Organizado por (...). Prefácio do Cónego Dr. F. Correia Pinto. Porto: Comissão Executiva do 2.º Congresso Nacional do Apostolado da Oração (1844-1944), 1946; A., F. V. – *Origem da Devoção ao Sagrado Coração de Jesus*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1946; COUTINHO, Bernardo Xavier – "Algumas achegas para a história do culto do Sagrado Coração de Jesus em Portugal", *Ensaíos*, vol. II. Porto: Livraria Lopes da Silva, 1953, pp. 227-260; LÓPEZ-MÉLUS, Rafael María – *Santa Margarida Maria e o Coração de Jesus*. Cucujães: Editorial Missões, 2001.

<sup>22</sup> ARAÚJO, Agostinho - *Gratulação e Proselitismo na Pintura de "Milagres"*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu, 1979 (sep. de "Beira Alta", vol. XXXVIII, n.º 4).

<sup>23</sup> CHAVES, Luís - "Suspensão dos «milagres»", *Ob. cit.*, pp. 49-50.

Acompanhando, numa parede que lhes é dedicada, as (mais vulgares) estórias hierofânicas pertencentes ao Poeta, entra por direito próprio num conjunto temático, de eventos e apegos, formado pelo gosto seguro do colecionador. E até o recurso à mandorla pode ser visto como contaminação de um dos artifícios sinalizadores do espaço sagrado, que caracterizam (pelo menos, para o fâcies popular, bem documentadamente desde o séc. XVII) a aparição das imagens taumatúrgicas na dita tipologia narrativa.

A presença desta humilde peça na Casa de Pascoaes evoca-nos um dos seus primeiros poemas, só revelado quase dez anos após a morte:

"Os braços para que são?  
Não são para abraçar,  
Nem para trabalhar:  
É o coração partido em dois pedaços  
Para a gente se poder crucificar"<sup>24</sup>.

Quanto à segunda peça que aqui propomos, impõe-se, no seu ângulo superior direito, a aparição de São Gonçalo de Amarante, em corpo inteiro, apoiado a bordão e segurando o livro na mão esquerda. Alheado da aflição que o convoca, cola-se diretamente a um fundo azul recortado atrás do tradicional novelo de nuvens; veste o hábito branco, embora a capa e capeirão, aqui pintados a castanho, devessem ser negros, como é próprio da Ordem dos Pregadores.

No lado oposto, à mesma altura e em contraponto à serenidade do Dominicano, o ar pesado e turvo é cortado pelo ziguezague dos relâmpagos, em tentativa, pouco habitual, de exhibir a trovoadas, componente nuclear de muitas procelas marítimas que bem mais facilmente figura nas legendas.

Não faltam limitações ao pintor (e logo, primárias, em matéria de desenho); mas, como tantas vezes se verifica nesta arte, parece sobretudo apostado em credibilizar o seu trabalho com pormenores alusivos ao dramatismo da situação.

Se em si mesmo o mar não é dado de forma muito convincente, foi todavia aí que o artista semeou, em cumplicidade com o observador, notações

---

<sup>24</sup> Inédito publicado por uma das suas irmãs, com a seguinte anotação: "1898 - apareceu em casa dum colega em Bragança" - cf. VASCONCELOS, Maria da Glória Teixeira de – *Ob. cit.*, p. 112.

inequívocas do perigo sofrido pela galera, como um mastro derrubado, dois escaleres à deriva, vários barris já perdidos.

Apesar de lhe não ter sido possível dar resposta precisa às interrogações colocadas, acabou por ser a prestante disponibilidade de D. Maria Amélia Abrantes de Sampaio e Castro Teixeira de Vasconcelos a estar na origem de sólida contribuição, que cremos vir sem dúvida corroborar as nossas interpretações.

A longa cedência temporária do "milagre" de São Gonçalo à galera *Fama*, para a exposição que preparámos por encargo da Comissão dos Descobrimentos<sup>25</sup>, permitiu o seu tratamento no ateliê de Maria José Mendes Francisco (Setúbal). Foi esta competente e dedicada Técnica que nos comunicou o achado de uma inscrição, a caneta de tinta permanente, no tardo do suporte, a qual reza: "Artur da Motta Alves / fez por copia em / Dezembro de 1924. / e oferece ao seu Ilustre amigo / D.<sup>r</sup> Teixeira de Pascoaes".

E a correspondência do ilustre advogado e político membro do Partido Democrático<sup>26</sup> confirma a amizade e a aplicação em satisfazer, ao menos pela posse de uma cópia, um inadiável desejo do Poeta.

---

<sup>25</sup> *Estórias de dor, esperança e festa. O Brasil em Ex-Votos Portugueses (Séculos XVII-XIX)*. Exposição itinerante: Rio de Janeiro / Brasília / Salvador (Comissário: Agostinho Araújo). Catálogo. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, dezembro de 1998, p. 86 (n.º 39).

<sup>26</sup> O Dr. Artur Alfredo da Motta Alves (1890-1942) dedicou-se mais tarde a trabalhos de pesquisa histórica, dos quais nos merecem saliência alguns centrados em vários campos da Arte: *Uma festa no Palácio de Queluz em 1795*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1935 ("Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais", III); *O Palácio do Pátio do Saldanha. Alguns documentos para a sua história*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1935 ("Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais", V); "Uma carta de Bartolozzi", *Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais*, n.º 27. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, outubro-dezembro de 1936; *José da Costa e Silva, Engenheiro-Arquiteto. Subsídios para a sua biografia*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1936 ("Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais", XIII); *Os Painéis de S. Vicente num Códice da Biblioteca do Rio de Janeiro*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1936; *O convento de Avé-Maria do Pôrto. Documentos para a história da sua fundação*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1939 (sep. do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. II, n.º 2); e "O primeiro teatro de Ópera em Lisboa", *Revista Municipal*, ano II, n.º 7. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1.º Trimestre de 1941.

## Apêndice

### I

“Casa de V. Ex.<sup>a</sup>, Dezembro - 17

Meu Ilustre e Querido Amigo

Com os meus afectuosos cumprimentos e os meus votos de uma feliz chegada a Lisboa, venho cumprir junto de V. Ex.<sup>a</sup> uma promessa feita, remetendo-lhe por este correio uma copia em aguarela, do Milagre de S. Gonçalo e que V. Ex.<sup>a</sup> tanto aprecia. Não sei se pude - apesar de empregar tódo o meu empenho e arte - reproduzir fielmente o original. Creio bem que não, mas tal como sahi mando-a, ao meu Doutor, crente de que o nosso Santo fará mais o milagre, de lhe dar um pouco de semelhança.

Com os meus respeitosos cumprimentos para Sua Ex.<sup>ma</sup> Mãe, Minha Senhora, peço ao Meu Doutor me creia sempre com afectuosa estima e muita admiração

Amigo m.<sup>to</sup> dedicado e grato

Artur da Motta Alves<sup>27</sup>.

### II

“S. Casa da Costa - Grande

1 - Novembro - Dia de Saúde

Ex.<sup>mo</sup> Senhor D.<sup>r</sup> Teixeira de Pascoaes

E Meu Ilustre Amigo

Passando hoje o aniversario de V. Ex.<sup>a</sup>, eu deixaria de cumprir um grato dever, se não viesse apresentar-lhe as minhas afectuosas homenagens e os meus votos da melhor saude e felicidade. Com estas minhas palavras, singelas mas muito sinceras, se confessa, como sempre

<sup>27</sup> Carta datada de Amarante, a 17 de dezembro [1924: cf., *supra*, a dedicatória da peça], manuscrita sobre folha de papel timbrado: "O Advogado / Artur da Motta Alves / Conservador do Registo Predial / Amarante" – B.N.P., Espólio Teixeira de Pascoaes, D3 / 461.

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Admirador e Amigo gratíssimo  
Artur da Motta Alves”<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Carta datada de Amarante, no 1.º de novembro [ano ?], igualmente ms. sobre idêntico papel - B.N.P., Espólio Teixeira de Pascoaes, D3 / 462.

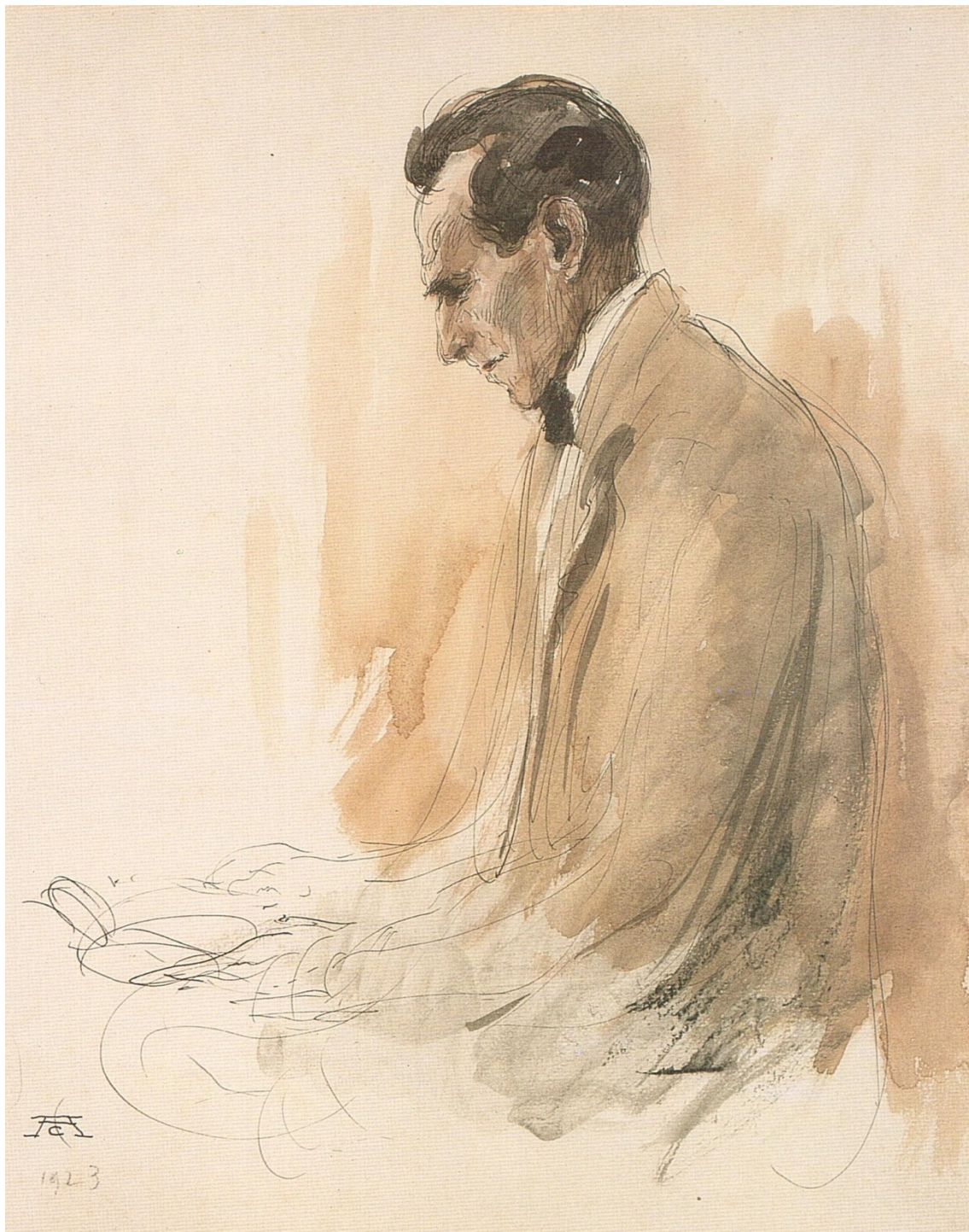


Fig. 1 – António Carneiro – Teixeira de Pascoaes. 1923.

Amarante, Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso



Fig. 2 - Ex-Votos. Gatão, Casa de Pascoaes



Fig. 3 - Ex-Voto ao Sagrado Coração de Jesus.  
Gatão, Casa de Pascoaes



Fig. 4 - Ex-Voto da galera Fama. 1821.  
Amarante, igreja do Convento de S. Gonçalo, capela-mor (lado da Epístola), oferendas



Fig. 5 - Cópia do ex-voto da galera Fama (porm.). 1924.  
Gatão, Casa de Pascoaes



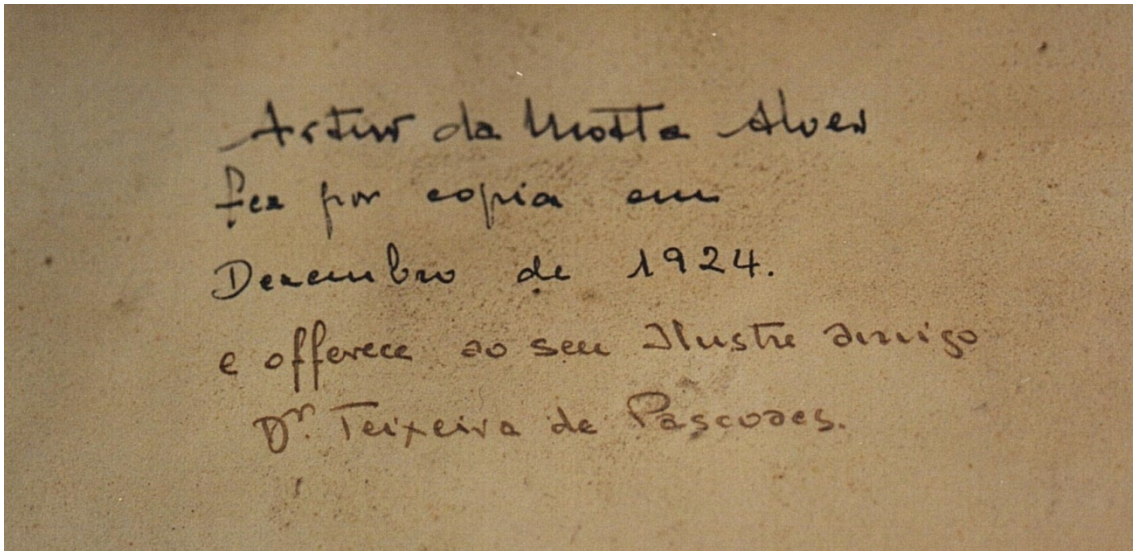


Fig. 6 - Inscrição colada no reverso.  
Cópia do ex-voto da galera Fama.  
Gatão, Casa de Pascoaes